

Capítulo XXVIII — João e Bento, vindos de Pereo, são martirizados na Polônia

Enquanto Romualdo vivia em Pereo, o rei **Boleslau** enviou ao imperador súplicas para que lhe mandasse homens espirituais capazes de chamar à fé o povo de seu reino.

O imperador foi então procurar Romualdo e pediu-lhe que concedesse alguns de seus monges para serem enviados àquelas terras.

Romualdo não quis ordenar a nenhum deles que partisse, como se exercesse autoridade de prelado. Confiando na devoção dos irmãos, deixou a todos a liberdade de ficar ou partir. Em matéria tão terrível, não conhecia a vontade de Deus e por isso preferiu confiá-la à decisão dos irmãos, e não à sua própria.

Quando o rei lhes pediu e suplicou humildemente, apenas dois se ofereceram espontaneamente para partir. Um chamava-se **João**, o outro **Bento**.

Foram então até Boleslau e começaram por viver num eremitério, sustentados por ele. Para que mais tarde pudessem pregar, dedicaram-se com grande esforço a aprender a língua eslava.

No sétimo ano, quando já conheciam perfeitamente a língua da região, enviaram um monge à cidade de Roma para pedir ao bispo da Sé suprema autorização para pregar.

Encarregaram também o mensageiro de trazer consigo outros irmãos do bem-aventurado Romualdo que, instruídos na vida eremítica, pudessem viver com eles na região eslava.

Boleslau desejava receber da autoridade romana a coroa de seu reino. Pediu insistentemente àqueles veneráveis homens que levassem ao papa muitos presentes e lhe trouxessem de volta uma coroa concedida pela Sé Apostólica.

Eles recusaram terminantemente o pedido real, dizendo:

“Nosso lugar é numa ordem santa. Não nos é permitido envolver-nos em negócios seculares.”

Deixaram então o rei e regressaram à cela.

Alguns homens, contudo, conheciam o plano do rei, mas ignoravam a resposta dos santos. Imaginaram que João e Bento tivessem levado para a pequena cela grande quantidade de ouro destinada ao papa.

Combinaram, portanto, que durante a noite entrariam secretamente no eremitério, matariam os monges e roubariam o dinheiro.

Quando os bem-aventurados perceberam que homens tentavam arrombar a entrada e compreenderam imediatamente a razão de sua vinda, começaram a confessar-se mutuamente e a fortalecer-se com o sinal da santa Cruz.

Havia ali também dois jovens que lhes haviam sido confiados pela corte real para servi-los. Eles se colocaram firmemente diante dos santos e procuraram resistir aos ladrões com todas as forças.

Os invasores, vendo descoberto o ataque, forçaram a entrada com as espadas desembainhadas e mataram indistintamente a todos.

Depois procuraram ansiosamente o tesouro. Revolveram tudo e, não encontrando coisa alguma, tentaram incendiar a cela e queimar os próprios corpos dos mártires, a fim de ocultar o enorme crime e fazer com que os homens atribuíssem a morte não às armas, mas às chamas.

Quando, porém, atearam fogo, este perdeu sua força natural. Por mais que tentassem, nada podia consumir. As próprias paredes repeliam as chamas como se, em vez de madeira, fossem feitas das pedras mais duras.

Frustrados, os ladrões procuraram então fugir, mas a providência divina lhes negou também essa possibilidade.

Durante toda a noite vaguearam apavorados, procurando caminho entre moitas da floresta, grandes campos e bosques sombrios. Seus passos, porém, desviavam-se sem direção e não conseguiam encontrar saída alguma.

Nem sequer podiam recolocar as adagas nas bainhas, porque seus braços haviam ficado ressequidos e imóveis.

No lugar em que jaziam os corpos dos santos, uma luz abundante resplandecia e continuou a tornar-se mais intensa até o amanhecer. E não cessava de ressoar um dulcíssimo e suavíssimo canto de anjos.

Chegado o dia, o ocorrido já não pôde permanecer oculto ao rei. Ele correu ao eremitério acompanhado por incontável multidão e, para impedir a fuga dos assassinos, formou um círculo de homens ao redor de toda a floresta.

Por fim, os criminosos foram capturados, manifestamente culpados e, por vingança divina, ainda presos às próprias espadas.

O rei ponderou cuidadosamente o que deveria fazer. Decidiu que não os mandaria matar, como mereciam, mas que os prenderia com grilhões de ferro aos sepulcros dos mártires. Ali poderiam viver miseravelmente acorrentados até a morte; ou, se os santos mártires julgassem de outro modo, poderiam eles próprios libertá-los por misericórdia.

Por ordem do rei, os criminosos foram arrastados até os túmulos dos santos. Imediatamente, pela inefável onipotência divina, seus grilhões se romperam e eles foram libertados.

Depois disso foi construída uma capela sobre os corpos dos santos, e incontáveis são os prodígios que o poder divino realizou ali, não apenas naquele tempo, mas até hoje.

Revision #1

Created 21 September 2026 00:32:18 by Admin

Updated 21 September 2026 00:32:29 by Admin